



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE- FACES

LETRAS

ANA BEATRIZ CADDAH DE OLIVEIRA

**ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA CURRICULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO
FEDERAL**

BRASÍLIA – DF

Junho/2011



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE- FACES

LETRAS

ANA BEATRIZ CADDAH DE OLIVEIRA

**ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA CURRICULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO
FEDERAL**

BRASÍLIA – DF

Junho/2011

ANA BEATRIZ CADDAH DE OLIVEIRA

**ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA CURRICULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO
FEDERAL.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde- FACES- do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a professora Scheyla Brito.

BRASÍLIA – DF

Junho/2011

ANA BEATRIZ CADDAH DE OLIVEIRA

**ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO DISCIPLINA CURRICULAR NO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO
FEDERAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde- FACES- do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a professora Scheyla Brito.

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Scheyla Brito

Luciane Lira

Priscilla Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois não sei o que seria de mim sem a fé que tenho nele. Aos meus pais, Vilmar e Heloisa, que com muito carinho e apoio não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. A minha avó Lélia que facilitou as minhas idas e vindas à faculdade. À professora Scheyla Brito, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia. Também agradeço aos amigos, pelo incentivo e pelo apoio constante.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de avaliar como está o ensino da Língua Inglesa no ensino fundamental das escolas públicas do DF. Para isso, ela tem como base teórica as Metodologias de Ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira (PCN) e as Orientações Curriculares do DF. Ambos buscam melhorar a qualidade e eficácia no ensino-aprendizagem da língua estrangeira. Ao final desta pesquisa, encontram-se as análises de dois questionários, um aplicado a uma turma de alunos do nono ano da rede pública e outro, à professora de Língua Inglesa. A partir dos questionários constata-se que os alunos, mesmo tendo dificuldades diante da Língua Inglesa, apresentam interesse em aprendê-la. A escola possui poucos recursos, mas a professora os utiliza atendendo às expectativas da maioria dos alunos. A escola onde foi aplicado o questionário é um exemplo de que o ensino de Língua Inglesa pode ser melhorado e no caso dela observa-se uma melhora ao tentar ultrapassar as dificuldades encontradas no ensino público.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa, Metodologias de ensino, Escola pública. Inglês no ensino fundamental, PCN em língua inglesa, Orientações Curriculares do DF.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA LÍNGUA INGLESA	10
2.1. HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA	10
3. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	13
3.1. METODOLOGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA INGLESA	13
3.1.1. Metodologia Tradicional (MT)	13
3.1.2. Metodologia Direta (MD)	14
3.1.3. Metodologia Audiolingual ou Áudio-Oral (MAO)	15
3.1.4. Sugestologia de Lozanov	17
3.1.5. Aprendizagem por Aconselhamento de Curram	17
3.1.6. Método Silencioso de Gattegno	18
3.1.7. Abordagem Natural	18
3.1.8. Abordagem Comunicativa (AC)	20
4. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DE ACORDO COM OS PCN	24
4.1. COMPETÊNCIAS A SEREM FORMADAS NO ALUNO	30
5. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA SEGUNDO AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO DISTRITO FEDERAL	32
6. PESQUISA QUALITATIVA	36
6.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS	36
6.1.1. Os informantes	36
6.1.2. Metodologia	36
6.2. DESCRIÇÃO, ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM O PROFESSOR	37
6.2.1. Análise das respostas do professor sobre a avaliação em Língua Inglesa	37
6.3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM OS ALUNOS	39
6.4. RESULTADOS	45
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO A	51
ANEXO B	53

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a qualidade de ensino apresentada pela maioria das escolas públicas deixa a desejar, pois na maioria das vezes falta qualidade de ensino, recursos materiais e professores para as disciplinas, principalmente as estrangeiras. Apesar de ser uma disciplina curricular no Brasil, a língua estrangeira é muitas vezes deixada de lado pelas escolas, como se não houvesse importância para o desenvolvimento do ser humano.

Tendo em vista o verdadeiro papel do inglês na sociedade atual e os problemas existentes em seu ensino nas escolas públicas, esse trabalho visa investigar como está o ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental de escolas públicas do Distrito Federal. Ele pretende verificar se a escola pública está atendendo expectativas governamentais no ensino de língua estrangeira.

O trabalho foi realizado em 2 etapas. A primeira etapa utiliza a metodologia bibliográfica que tem como base pesquisa a livros, artigos de revistas, artigos acadêmicos, etc. A generalização obtida por esse método não é quantitativa; é analítica: ela, após várias replicações, apenas permite comparar os resultados da investigação com a teoria existente sobre o fenômeno (YIN, 2005 apud ACEVEDO; NOHARA, 2007). A segunda etapa utilizada é a metodologia de cunho qualitativo etnográfico. Pode se dizer que o paradigma etnográfico pode assumir um caráter, diferenciado, na medida em que esteja mais ou menos marcado pela visão do todo, pela preocupação com o significado, e conforme o estudo penda mais para o diagnóstico ou para a explicação dos fenômenos (NEVES, 1996).

A estrutura do trabalho está dividida em sete capítulos. No primeiro capítulo encontra-se a introdução. O segundo capítulo descreve resumidamente a história do surgimento da Língua Inglesa. O próximo capítulo aborda e descreve as principais características das metodologias utilizadas para o ensino de Língua Inglesa, são elas: Metodologia Tradicional, Metodologia Direta, Metodologia Audiolingual ou áudio-oral, Sugestologia de Lozanov, Aprendizagem por aconselhamento de Curram, Método Silencioso de Gategno, Abordagem Natural e Abordagem Comunicativa. O quarto capítulo busca, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, informar os objetivos almejados para o ensino da Língua Inglesa no ensino fundamental nas séries finais das escolas públicas. O

capítulo seguinte mostra o ideal do projeto das Orientações, e os conteúdos programáticos estabelecidos pelas Orientações Curriculares para o nono ano/ oitava série. No sexto capítulo, encontra-se a análise dos questionários feitos com os alunos e a professora de inglês do 9º ano/8ª série de uma escola pública, localizada na cidade do Guará II. E por fim, no sétimo capítulo deste trabalho, encontram-se as considerações finais seguidos das referências e dos anexos (A e B).

2. BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA LÍNGUA INGLESA

2.1. HISTÓRIA DA LÍNGUA INGLESA

Segundo Rocha (2007), a história da Língua Inglesa tem início em 700 a.C., quando os povos Celtas invadem e colonizam a Irlanda e a Bretanha. O Celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa, antes de acabarem quase que totalmente assimilados pelo Império Romano (SCHÜTZ, 2008). Tempos depois, por volta de 55 e 54 d.C., os Romanos invadem este território e lá permanecem por 350 anos. Isto causa profunda influência na política, na economia e na cultura das tribos Celtas que habitavam a Grã-Bretanha. Em 410 d.C, os povos Romanos deixam a região e abandonam os Celtas, que ficam expostos aos inimigos.

Em busca de proteção, os Celtas recorrem às tribos germânicas (Jutos, Saxões e Frísios) e essas logo partem para o sudeste da Grã-Bretanha. As tribos germânicas chegam destruindo quase tudo o que encontram, dentre eles vilarejos e a população local. Consequentemente, a vivência das tribos germânicas com o que restou da população local desenvolve influências, modificações nos hábitos, costumes e tradições. Isso reflete o domínio germânico, principalmente no aspecto linguístico. Para Rocha (2007), modificando também, hábitos, costumes e tradições, refletindo seu domínio, principalmente no aspecto linguístico, haja vista que quando comunidades diferentes se misturam durante um longo espaço de tempo, a tendência é se estabelecer o que os sociolinguistas denominam de conflito linguísticos. Nesse momento, o dominador impõe suas regras, seus valores.

A Língua Inglesa origina-se dos variados dialetos germânicos ocidentais no séc. V falados pelos Jutos. Com a inserção do Cristianismo, o idioma sofre influências do Latim e do Grego Antigo até o século XI. Esse período da língua é chamado de Inglês Antigo (Old English, 500 – 1100 d.C) e termina quando os Normandos (povo estabelecido ao norte da França, descendentes dos Vikings da Escandinávia), invadem a Grã-Bretanha (ROCHA, 2007).

Inicia-se então o período chamado de Inglês Médio (Middle English, 1100 - 1500). Aqui a língua sofre grande influência do Francês. E assim, passam-se três séculos no qual a cultura Franco-Normanda permanece unida à nação anglo-saxônica. Ao fim do séc. XV, o Inglês prevalece como língua oficial e linguagem

escrita. A transição do Inglês Médio para o Inglês Moderno é marcada pelo surgimento de novos vocabulários na língua e por evoluções na pronúncia das vogais e consoantes (ROCHA, 2007).

É no período do Inglês Moderno (séc. XVI – atualidade) que a língua se padroniza e se unifica. Todavia, segundo Rocha (2007), “sem uma pronúncia única ou uniforme, pois os sons variam de lugar para lugar e de grupo social para grupo social. Essas mudanças continuaram durante o período representado numa típica fonologia do inglês moderno”. Isso mostra a preocupação dos Ingleses perante o conservadorismo.

A partir desses três períodos, a Língua Inglesa vai evoluir e adquirir forma através das diversas influências, sofrendo variações semânticas, sintáticas e fonológicas até chegar ao que se conhece atualmente.

A criação do novo inglês, o americano, inicia-se com a chegada dos Britânicos em 1620 aos Estados Unidos da América. Esses fugiam de seu país de origem em busca da liberdade religiosa que não encontravam mais no império Britânico. Em 1776, período da Independência dos Estados Unidos, o Inglês Americano já mostrava características divergentes do Inglês Britânico. As diferenças entre os dialetos americanos e britânicos encontram-se basicamente na pronúncia e em alguns vocabulários. O contato com a realidade de um novo ambiente, com as culturas indígenas nativas e com o espanhol das regiões adjacentes ao sul, colonizadas pela Espanha, provocou um desenvolvimento de vocabulário diverso do inglês britânico (SCHÜTZ, 2008).

Devido às grandes influências do território inglês e dos Estados Unidos, diante da economia, política, cultura e do cientificismo do período que vai do séc. XVIII ao início do séc. XX, a Língua Inglesa é adotada como a Língua Franca nos mais diversos lugares do mundo. Sendo ela a língua mais falada em diferentes pontos da Terra, é considerada por muitos a “língua da globalização” (LACOSTE, 2005, p. 8 apud BERNARDO, 2007). Dominar o Inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global.

O aprendizado do Inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional, cultural e social. Transforma-se em grande facilitador da comunicação

mundial e graças a ele, na atual era tecnológica, é possível trocar informações com pessoas de outros países, navegar em sites internacionais na internet, ler publicações científicas, acordos comerciais, ou seja, torna-se também um requisito básico para o mercado de trabalho.

3. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

3.1. METODOLOGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Inicialmente o ensino de língua estrangeira dava-se através de contato direto com o estrangeiro, falante nativo (SAVIANI, 1996). Do mesmo modo que estes aprendiam a língua de modo natural, “a aquisição da Linguagem” de acordo com Krashen (1988), também existiam aqueles que se preocupavam em aprender uma língua estrangeira através de métodos, criação de um sistema de ensino.

Anthony, 1963 apud Vilaça, 2008 considera o método como o estágio intermediário entre a abordagem de ensino e as técnicas adotadas pelo professor. E abordagem são as concepções do professor a respeito da natureza da linguagem e dos processos de ensino e aprendizagem (ANTHONY, 1963 apud VILAÇA, 2008). O termo abordagem, do inglês “approach”, é definido por Leffa (1988) como o termo mais amplo e que envolve os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem. Segundo Selma Alas Martins Cestaro (1999), a metodologia engloba os objetivos gerais, os conteúdos linguísticos, as teorias de referência, as situações de ensino e subentende a elaboração de um método (próprio material de ensino). As Metodologias de Ensino da língua estrangeira surgem com o intuito de tornar o ensino-aprendizagem algo concreto.

3.1.1. Metodologia Tradicional (MT)

A primeira metodologia a ser utilizada é também chamada abordagem da gramática e da tradução (AGT). Historicamente falando, essa foi a metodologia que persistiu por mais tempo no ensino de língua estrangeira, tendo sido inicialmente utilizada para o ensino de línguas clássicas como o Grego e o Latim (CESTARO, 1999). Nesta metodologia, a tradução era a base para o ensino da língua. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno.

Os três passos essenciais para a aprendizagem da língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de

tradução e versão (tema). É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. (LEFFA, 1988).

De acordo com Leffa (1988), o ensino-aprendizagem tem como foco a escrita. Muito pouca ou nenhuma atenção é dada à pronúncia ou a entonação. O domínio oral da língua por parte do professor não era de extrema importância, o essencial era possuir o domínio da terminologia gramatical, assim como deter um conhecimento profundo das regras.

Cestaro (1999) afirma que, pelo fato de a aprendizagem de uma língua estrangeira ser atividade intelectual da época, o aprendiz deveria aprender e memorizar as regras e os exemplos da língua estrangeira com o propósito de dominar a morfologia e a sintaxe. Os exercícios eram de características maçantes, voltados para a aplicação das regras gramaticais, ditados e traduções. Os instrumentos utilizados no processo de ensino-aprendizagem eram o dicionário e o livro de gramática. Em uma relação vertical com os alunos, o professor era a autoridade dentro da sala de aula, pois era ele quem detinha o saber. As iniciativas atribuídas aos aprendizes e a interação professor/aluno eram quase inexistentes. Toda essa rigidez no controle da aprendizagem tentava fazer com que os alunos não cometessem erros.

3.1.2. Metodologia Direta (MD)

Datada do início do século XVI, esta metodologia é bastante antiga e surge como uma reação à Abordagem Gramatical Tradicional. O princípio fundamental da Metodologia Direta era o de que aprendizagem da língua estrangeira deveria se dar por meio do contato direto com a língua em estudo e não com a língua materna. A transmissão do significado dava-se através de gestos e gravuras, fotos, simulação, enfim, tudo o que pudesse facilitar a compreensão, sem jamais recorrer à tradução.

O termo “direta” se refere ao acesso direto ao sentido sem intervenção da tradução, de forma a fazer com que o aprendiz pensasse diretamente na língua estrangeira (CESTARO, 1999).

Nesta época a oralidade começa a ter ênfase. Trechos de leitura e pequenos diálogos situacionais dão início aos exercícios orais e aos escritos. Leffa (1988)

afirma que a integração das quatro habilidades (na sequência de ouvir, falar, ler e escrever) é usada pela primeira vez no ensino de línguas.

A AD, em que pese seu prestígio e apoio oficial (inclusive no Brasil) teve sempre dificuldade em se expandir. Ou por não ter os pré-requisitos linguísticos exigidos (fluência oral a boa pronúncia) ou por não possuir a resistência física necessária para manter a ênfase na fala durante várias horas diárias, o professor, após o entusiasmo inicial com a AD, acabava sistematicamente regredindo a uma versão metodológica da AGT. (LEFFA, 1988).

O aluno ainda não possuía autonomia na sala de aula. A interação entre os alunos era quase inexistente, porém eles até podiam conversar entre si, através de jogos de perguntas e respostas. A MD surge em contraposição à MT e não deixa de cometer alguns excessos, como a proibição absoluta da tradução para a língua materna nos primeiros anos de estudo, até mesmo como recurso de explicação, o que acabou por concentrar toda atenção do processo ensino-aprendizagem na figura do professor (CESTARO, 1999).

3.1.3. Metodologia Audiolingual ou Áudio-Oral (MAO)

Essa metodologia surge durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Americanos estavam em busca de falantes fluentes em várias línguas estrangeiras e não os encontravam. É neste momento que o exército reconhece que é necessário produzir rapidamente esses falantes fluentes. Em 1943 é lançado então o método do exército, que se desenvolveu e é atualmente conhecido como metodologia áudio-oral. Neste momento, inicia-se então a contratação de linguistas e falantes nativos e o ensino de línguas adquire o status de ciências devido à existência de linguistas neste projeto. Esse método é uma reconstrução da metodologia direta onde o princípio básico é a língua falada e não a escrita. (CESTARO, 1999; LEFFA, 1988).

A língua falada era vista como um conjunto de hábitos condicionados que se adquiria através de um processo mecânico de estímulo e resposta, portanto as respostas certas dadas pelo aluno deveriam ser imediatamente reforçadas pelo professor. Essa metodologia tem como teoria o Behaviorismo de Skinner

Cestaro (1999) afirma que a metodologia áudio-oral baseia-se nos princípios da Psicologia Behaviorista, de Skinner, e da Linguística Distribucional, de

Bloomfield, ambas fazem parte da psicologia da aprendizagem que dominavam os Estados Unidos. A gramática era apresentada aos alunos através de diversos exemplos e modelos e não como regras; e os paradigmas gramaticais e o vocabulário eram apresentados em frases completas. O ensino construía-se através da repetição oral das estruturas apresentadas em sala de aula, a fim de serem totalmente memorizadas e automatizadas. O professor continuava no centro do processo ensino-aprendizagem, dirigindo e controlando o comportamento linguístico dos alunos. O automatismo metodológico fez com que o aluno perdesse cada vez mais o interesse pela matéria e conseqüentemente uma rápida diminuição na motivação. Stevens lembra que:

[...] alguns autores nacionais aparecem no cenário argumentando a favor de base científica para os métodos direto e audiolingual. Carneiro Leão (1935) e Junqueira Schmidt (1935) são exemplos de autores nacionais influenciados pela reforma direitista francesa implementada em 1902. (STEVENS, 2003, p. 23).

Havia uma grande dificuldade de passar do automatismo para a espontaneidade da língua. Daí surgiu a crítica, pois a metodologia não conseguiu fazer com que o aluno passasse para estágios mais avançados de aprendizagem. Estudos demonstraram que, a longo prazo, no que diz respeito à compreensão oral dos alunos, os resultados não eram significativamente superiores aos das metodologias anteriores (CESTARO,1999 apud Puren,1988; Germain, 1993). A rejeição de uma metodologia ocorria devido à suposição de que havia outra melhor a ser colocada em prática. A *metodologia audiolingual* não sofreu essa rejeição, pois linguistas gerativos transformacionais, ao contrário das escolas anteriores, não acharam uma solução para o ensino de línguas (LEFFA, 1988).

O *audiolingüismo* não é a última metodologia a ser criada e utilizada. Uma diversidade de métodos é criada e, conseqüentemente, o *audiolingüismo* desaparece. As novas metodologias possuíam propostas pouco convencionais e eficazes para o ensino de línguas. Dentre elas, estão *Sugestologia de Lozanov*, *Aprendizagem por aconselhamento de Curram* e *método silencioso de Gattegno*. Vejamos cada uma delas:

3.1.4. Sugestologia de Lozanov

Criado nos anos 70 pelo psicoterapeuta búlgaro Georgi Lozanov, o método inspira-se em técnicas de relaxamento que foca a parte psicológica do aprendiz. Baseia-se na ideia de que o ensino de línguas pode ser melhorado em sessões de relaxamento mental através de ambiente confortável e músicas ambientes ao fundo. Conforme defendido por Leffa (1988), a intenção do método é reduzir a ansiedade e inibição dos alunos e fazer com que eles adquiram uma nova personalidade através da utilização de pseudônimos.

A *Sugestologia* enfatiza a memorização de vocabulário e o uso frequente da língua materna para discutir significados. Aqui o professor desempenha o papel central, e, portanto, as necessidades e interesses dos alunos não têm muita importância. Essa teoria recebeu muitas críticas principalmente por não possuir uma fundamentação científica, ser pouco aplicável e de eficácia duvidosa.

3.1.5. Aprendizagem por Aconselhamento de Curran

Criado em 1972 por Charles A. Curran, essa metodologia é também chamada de *método comunitário*. Consiste em utilizar de técnicas de aconselhamento psicológico para o ensino de línguas. É realizado em grupos, faz uso de traduções, transcrições, atividades de compreensão oral e conversações livres. É um processo social de crescimento no qual o aluno é quem deve construir e desenvolver a sua independência. A aprendizagem envolve ênfase no papel do domínio afetivo e na promoção da aprendizagem cognitiva.

A aula acontece da seguinte maneira: os alunos são colocados em círculo enquanto o professor permanece do lado de fora. Quando alguém deseja falar alguma coisa, o professor traduz para a língua estrangeira o enunciado do aluno. Esse repete a tradução e grava em um gravador. Segundo Leffa, ao final de cada sessão, todas as frases gravadas pelos alunos são reproduzidas e transcritas para comentários e observações, incluindo as reações apresentadas pelos alunos durante o processo de aprendizagem da língua.

Posteriormente, os alunos começarão a criar as frases na segunda língua espontaneamente e também poderão assumir o papel do professor permanecendo do lado de fora do círculo. Percebe-se então que neste método não existe um plano de aula. O desenvolvimento da aula ocorre a partir das necessidades dos aprendizes (BELONSI, 2009; LEFFA, 1988; ABRAHÃO, 2004).

3.1.6. Método Silencioso de Gattegno

No método criado pelo professor egípcio Caleb Gattegno, o professor permanece em silêncio a maior parte do tempo, enquanto os alunos são estimulados a expressar-se através da fala, respondendo aos comandos corporais do professor. O ensino da língua consiste na utilização de pequenos bastões e gráficos coloridos – que auxiliam no ensino da pronúncia para a criação de diferentes situações de ensino. Os esforços dos alunos são desencadeados ao seu próprio ritmo, seguindo o seu próprio caminho e não ao ritmo e através do caminho imposto por um professor. Desta forma, os alunos são estimulados a criarem as suas próprias estratégias de aprendizagem (PAULA, 2008).

As aulas exigem muito mais concentração por parte dos aprendizes, visto que o professor permanece maior parte do tempo em silêncio. E pelo fato de a palavra ser sempre dos próprios alunos, eles precisam estar atentos aos comandos do professor e, assim, expressarem-se através da fala. As correções devem ser feitas pelos estudantes, porém se ninguém perceber o erro o professor intervirá. Este estará sempre a postos para auxiliar quando for necessário.

3.1.7. Abordagem Natural

Yokota (2005) explana que o modelo de Krashen, formado por cinco hipóteses, discute os mecanismos da capacidade linguística e sobre o que atuam. São eles: Hipótese da *aquisição-aprendizagem*; Hipótese da *Ordem Natural*; Hipótese do *Input*; Hipótese do *Monitor*; Hipótese do *Filtro afetivo*. A *Abordagem Natural* visa desenvolver a aquisição da língua, que é um processo subconsciente, e não a aprendizagem, que é algo consciente, consequência de uma situação formal

de aprendizagem ou de um programa de estudos individualizado. Os dois fenômenos são diferentes nas suas origens e finalidades. Podem ocorrer simultaneamente, mas não têm nenhuma relação entre si.

A dicotomia *aquisição/aprendizagem*, baseada em princípio na diferença que Chomsky (1965) estabelece entre competência e atuação, é um conceito útil que não se limita só à linguagem, mas abrange também a atividade mental em geral, desde que esteja relacionada à captação e à internalização de conceitos e habilidades (YOKOTA, 2005). A abordagem tenta aplicar em sala de aula a teoria de Stephen Krashen, conhecida como Modelo do Monitor ou Modelo do Input.

A *hipótese de ordem natural* afirma que as regras de uma língua são adquiridas em uma ordem previsível, portanto não depende da ordem como as regras são ensinadas na sala de aula.

A *hipótese do Input* está relacionada à aquisição da língua e defende a necessidade de compreensão das mensagens transmitidas por meio de formas linguísticas para o crescimento da linguagem (YOKOTA, 2005). O *Input* ideal deve ser compreensível e interessante. Nesta hipótese o indivíduo só fala quando se sente pronto a fazê-lo e não por pressão do professor (LEFFA, 1999). Krashen (1998, p.99) enfatiza que nossa fluência em uma segunda língua é resultante do que adquirimos e não do que aprendemos.

Já a *hipótese do monitor* refere-se à aprendizagem. Aqui o conhecimento advindo de regras gramaticais atua na produção do falante. A Gramática e suas regras servem de monitores que refletem em diferentes características de personalidade.

A *hipótese do filtro afetivo* é um mecanismo inconsciente que dependendo de alguns fatores, como o nervosismo, ansiedade, motivação e autoconfiança pode auxiliar ou inibir a capacidade de aquisição do aprendiz. Portanto, se o *Filtro Afetivo* do aprendiz estiver baixo, onde a desmotivação, nervosismo não estejam lhe afetando, suas chances de adquirir o *Input* são maiores.

3.1.8. Abordagem Comunicativa (AC)

Leffa (1988) explica que, enquanto nos Estados Unidos ainda se dava ênfase ao código da língua, ao nível da frase (Bloomfield com a linguística estruturalista e Chomsky com a gramática gerativo-transformacional), na Europa os linguistas mantinham a tradição dos estudos semânticos e sociolinguísticos, enfatizando o estudo do discurso.

A *Abordagem Comunicativa* centraliza o ensino da língua estrangeira na comunicação. Trata-se de ensinar o aluno a se comunicar em língua estrangeira e adquirir uma competência de comunicação. Saber comunicar-se significa ser capaz de produzir enunciados linguísticos de acordo com a intenção de comunicação (pedir permissão, por exemplo). Este novo método aborda a semântica da língua, a análise do texto oral ou escrito e principalmente as circunstâncias em que o texto é produzido e interpretado (CESTARO, 1999).

Nessa abordagem, cria-se um inventário das noções e funções que normalmente se expressam através da língua, cujo objetivo é descrever o que se faz através da mesma. As duas taxonomias mais citadas que investiam nas tentativas de classificação sistemática das noções e funções são as de Wilkins (1976) e Van Ek (1976). O uso de elementos dessas taxonomias na elaboração de material didático foi uma das características mais salientes.

Segundo Leffa (1988), a *Abordagem Comunicativa* defende a aprendizagem centrada no aluno em termos de conteúdo e técnicas utilizadas em sala de aula. Porém, os diálogos artificiais, elaborados para apresentarem pontos gramaticais são rejeitados. O foco da aprendizagem está na comunicação, o que não exclui as formas linguísticas, ensinadas quando necessárias para desenvolver a capacidade comunicativa. Sobre isso Leffa afirma que o desenvolvimento de uma competência estratégica - saber como usar a língua para se comunicar - pode ser tão ou mais importante que a competência gramatical (LEFFA, 1988).

Nas quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), não existe ordem de preferência na apresentação e nem restrições quanto ao uso da língua materna, ou seja, tradução é permitida. Essa compreensão e expressão oral e escrita são apresentadas de modo integrado, podendo haver concentração em

somente uma. Sendo assim os exercícios deixam de ser formais e repetitivos dando lugar aos exercícios de comunicação real ou simulada, que são mais interativos. Os diálogos devem apresentar situações reais da língua, incluindo até os ruídos que normalmente interferem no enunciado (conversas de fundo, vozes distorcidas no telefone, dicções imperfeitas, sotaques, etc.). É por esse motivo que o material utilizado para o ensino deve ser autêntico.

Os textos escritos devem abranger todos os tipos de impressos, não podendo utilizar textos simples, pois, de acordo com Leffa (1988), isso prejudicaria a autenticidade do material. Na *Abordagem Comunicativa* o professor não é mais autoridade dentro da sala de aula. Ele assume um papel de orientador, compartilhando seus conhecimentos com os aprendizes. A aprendizagem agora é centrada no aluno, não só em termos de conteúdo como também de técnicas usadas em sala de aula. Há também o aspecto da afetividade que neste método é reconhecido como um elemento importante, pois o professor deve mostrar sensibilidade aos interesses dos alunos, encorajando-os à participação e acatando sugestões. A utilização de técnicas de trabalho em grupo também é bastante adotada.

A falta de objetivos específicos das metodologias anteriores é fortemente criticada pela *Abordagem Comunicativa* a qual alega que, independentemente do objetivo final, há sempre um núcleo comum, inicial, a ser aprendido por todos (LEFFA, 1988). É por esse motivo que os cursos devem planejar e se basear nos interesses e necessidades dos alunos. Apesar de criticar outras metodologias, a *Abordagem Comunicativa* também sofre críticas afirmando que, apesar de possuírem bastantes discursos teóricos, são poucos os procedimentos, exercícios e tecnologias utilizados por ela diferentemente das metodologias mecanicistas, que são ricas em tecnologia (gravador, projetor, laboratório de línguas...), em procedimentos e em exercícios (exercícios estruturais, micro- conversação...) e pobres em discurso teóricos (GALISSON, 1982 apud CESTARO, 1999). Além disso, Leffa (1988) alerta para o fato de que a *Abordagem Comunicativa* tem seguido o mesmo padrão histórico das abordagens anteriores. Ela surge como uma reação *Audiolingüismo*, e, como os outros métodos, difunde a ideia de que a solução definitiva foi finalmente encontrada. Ainda apresenta o dogmatismo doutrinário,

imprecisão terminológica (afinal é "nocional", "funcional", "nocional-funcional", "comunicativa"?) e falta de evidência baseada em fatos.

Como foi observado, é vasta a quantidade de métodos criados e utilizados em épocas e anos diferentes. Privilegiando o estudo da língua, seja pela estrutura gramatical, por uso de vocabulários, pela oralização ou por noções ou funções, cada uma delas procura dar conta das quatro habilidades, ou seja, compreensão e expressão oral e escrita. Algumas outras metodologias levam em conta a psicologia da aprendizagem: o processo e/ou as condições de aprendizagem (CESTARO, 1999). O papel do professor era sempre o de autoridade dentro da sala de aula, exceto na *Abordagem Comunicativa*. E, ao decorrer dessas evoluções metodológicas, o aluno, que inicialmente detinha um papel passivo, passa a ser cada vez mais ativo dentro da sala de aula. Essa participação ajuda o aprendiz a tornar-se independente e autônomo perante a aprendizagem.

Todos os métodos visavam tornar o ensino-aprendizagem cada vez mais eficaz, contudo, apesar de tantas variações de abordagens e tentativas diferentes, nenhuma dessas abordagens está totalmente correta, há falhas. Conforme Leffa (1988), nenhuma dessas abordagens empregadas foi analisada até que ponto fazem a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem. Um método que pode funcionar em determinada situação pode não ter a mesma eficácia em outra, pois as variantes que afetam o ensino (ambiente escolar, material didático, recursos tecnológicos, aluno, professor etc.) podem fazer com que a metodologia perca sua funcionalidade.

Leffa chama atenção para o fato de que às vezes dá-se à metodologia uma importância maior do que ela realmente possui, esquecendo-se de que o aluno pode tanto deixar de aprender como também aprender apesar da abordagem usada pelo professor. Sobre essa mesma questão Wilson J. Leffa expõe que:

As abordagens que dão origem aos métodos são geralmente monolíticas e dogmáticas. [...] Tendem a um maniqueísmo pedagógico sem meio termo: tudo estava errado e agora tudo está certo. Abordagens pedagógicas [...] tornam-se preceitos antagônicos e irreduzíveis: indução versus dedução, escrita versus fala, significado versus forma, aprendizagem versus aquisição, material autêntico versus material adaptado-são apenas alguns exemplos. Daí que a história do ensino de línguas tem sido comparada por alguns metodólogos aos movimentos de um pêndulo, balanceando sempre

de um lado a outro; uma constante sucessão de tese e antítese sem jamais chegar à síntese. A solução proposta por alguns metodólogos é a do ecleticismo inteligente, baseado na experiência da sala de aula: nem a aceitação incondicional de tudo que é novo nem a adesão inarredável a uma verdade que, no fundo, não é de ninguém. Nenhuma abordagem contém toda a verdade e ninguém sabe tanto que não possa evoluir. A atitude sábia é incorporar o novo ao antigo; o maior ou menor grau de acomodação vai depender do contexto em que se encontra o professor, de sua experiência e de seu nível de conhecimento (LEFFA, 1988).

Após essas explicações, verifica-se que a metodologia é um processo variável, criativo, dinâmico, que se transforma e se renova de acordo com o grupo de alunos, o ambiente de estudo, os recursos, materiais didáticos, entre outros. Porém, o problema é que os métodos apresentam um plano pré-determinado a ser seguido pelo professor, incorporando assim uma visão estática de ensino. Por muito tempo os objetivos dos professores de línguas eram o de encontrar um método ideal para abordar em sala de aula e assim resolver seus problemas quanto ao ensino de LE (língua estrangeira). Todavia, cabe ao próprio professor selecionar a metodologia que melhor se adapta ao seu modo de dar aula e ao modo de aprender dos seus alunos. (KANEOYA, 2002).

A metodologia do professor deriva de processos de interação entre ele e seus alunos, no uso de atividades e tarefas instrucionais, comprovando que o ensino não é um ato estático ou pré-determinado temporalmente, mas é um processo dinâmico e interacional (RICHARDS, 1986 apud KANEOYA, 2002), que envolve os objetivos do professor, os movimentos comportamentais e estratégicos dos alunos, a estruturação da aula, as tarefas, os agrupamentos, enfim, uma série de acontecimentos que tornam a aula efetiva, sem que os envolvidos - professor e alunos – tomem consciência disso. Atualmente os professores não têm como base de ensino somente uma metodologia, eles retiram de cada abordagem a técnica necessária para tornar o seu ensino eficaz.

A escolha do professor pelas metodologias depende de diversos fatores, os quais foram citados anteriormente. Ele elegerá a técnica que melhor se adaptar aos seus alunos, a que conseguir chamar a atenção deles durante as exposições. O Professor deve tornar a aula interessante, de modo que ela passe a motivar o aluno. A motivação é de extrema importância, pois ela é quem vai facilitar o processo de aprendizagem do estudante, tornando-o cada vez mais participante nas aulas.

4. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DE ACORDO COM OS PCN

O que são os PCN? São Parâmetros Curriculares Nacionais criados com o propósito de ampliar e aprofundar o debate educacional envolvendo não só alunos e professores como também o governo, os pais e toda sociedade. Os Parâmetros foram criados procurando respeitar as diversidades sociais, culturais, e políticas do país. Apesar dessas diferenças, ele considera a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras, pretendendo assim criar condições nas escolas, nas quais jovens aprendizes possam ter acesso a qualquer tipo de conhecimento socialmente elaborado e reconhecido como necessários ao exercício da cidadania.

Os PCN surgem com o intuito de melhorar e nortear as atividades do sistema educativo brasileiro. Eles servem de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo escolar, às reflexões sobre as práticas pedagógicas, ao planejamento de aulas, às análises e seleções de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e esperam contribuir para a formação e atualização do educador (BRASIL, 1998).

Para os PCN a aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Ela deve capacitar o aluno a se incluir no discurso e incluir outros fazendo assim com que interajam socialmente. O ensino de língua estrangeira deve determinar as funções sociais que exerce na sociedade brasileira. Os parâmetros afirmam que essa função social está bastante ligada a utilização da LE (Língua Estrangeira) em leituras, mas não deixa de considerar outras habilidades comunicativas.

Além disso, seguindo uma política de pluralismo linguístico, condições pragmáticas apontam a necessidade de considerar três fatores para orientar a inclusão de uma determinada língua estrangeira no currículo: fatores relativos à história (estão relacionados ao papel que a língua específica representa em certos momentos da história da humanidade), às comunidades locais (a convivência entre comunidades locais e imigrantes pode ser um critério para a inclusão de determinada língua no currículo escolar) e à tradição (o papel que determinadas línguas estrangeiras tradicionalmente desempenham nas relações culturais entre os países pode ser um fator a ser considerado). Os parâmetros de língua estrangeira

são apoiados em duas questões teóricas uma aborda a visão sociointeracional da linguagem e a outra da aprendizagem.

De acordo com os PCN é determinante no processo sociointeracional:

O posicionamento das pessoas na instituição, na cultura e na história. Para que essa natureza sociointeracional seja possível, o aprendiz utiliza conhecimentos sistêmicos, de mundo e sobre a organização textual, além de ter de aprender como usá-los na construção social do significado via Língua Estrangeira. A consciência desses conhecimentos e a de seus usos são essenciais na aprendizagem, posto que focaliza aspectos metacognitivos e desenvolve a consciência crítica do aprendiz no que se refere a como a linguagem é usada no mundo social, como reflexo de crenças, valores e projetos políticos. (BRASIL, 1998. p. 15).

O principal objetivo do PCN é o de restaurar o papel da língua estrangeira na formação educacional. Apesar de o conhecimento em língua estrangeira ser muito valorizado pela sociedade, essa disciplina ainda se encontra deslocada dentro do ambiente escolar. Os PCN afirmam que o ensino de LE é função da escola e não dos cursinhos particulares, que atualmente ocupam uma vasta área do mercado educacional.

A autora Aline Cajé Bernardo, mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e membro do Grupo de Pesquisa EDUCON (Educação e Contemporaneidade) da mesma universidade explana que:

Se o ensino de uma língua estrangeira é dever da escola, e se grande parte das escolas oferece exclusivamente o inglês, e ainda se, no caso dos alunos das camadas populares, a escola pública é o único lugar de aprendizado desse idioma, é de se esperar que seu ensino seja eficaz e significativo para eles, possibilitando-lhes o acesso ao direito de formação integral do indivíduo a fim de que possam exercer a tão proclamada “cidadania” e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social. (BERNARDO, 2007).

O envolvimento do aluno com a língua diferente da língua materna ocasiona em um distanciamento, auxiliando-o a aumentar sua auto percepção como ser humano e cidadão, portanto conhecendo mais sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta. Outro pressuposto básico destacado pelos PCN é que a aprendizagem deve ser garantida pela continuidade e sustentabilidade do ensino, ou seja, deve ser oferecida em todos os anos escolares do ensino fundamental e médio.

A inclusão de uma disciplina no currículo escolar depende de qual papel que ela exerce dentro da sociedade. Em relação a uma língua estrangeira, a inglesa em particular, exige reflexão sobre seu uso diário pela população. Atualmente, somente uma pequena parcela da população brasileira tem a oportunidade de usar a Língua Inglesa como instrumento de comunicação oral. Até mesmo nos centros de grandes cidades, o número de pessoas que utilizam o conhecimento das habilidades orais de uma língua estrangeira em situação de trabalho é relativamente pequeno, com exceção de algumas situações específicas como regiões turísticas ou comunidades plurilíngues. Portanto o real uso de uma língua estrangeira parece estar ligado á leitura de literaturas técnicas e lazer. Elas auxiliam no desenvolvimento do letramento do aluno e melhoram o seu desempenho como leitor em sua língua materna.

As atuais condições nas salas de aula das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) prejudicam o ensino das quatro habilidades comunicativas: falar, ouvir, ler e escrever. Considerando as informações anteriores pode-se justificar o foco na leitura à função social exercida pelas línguas estrangeiras no país e aos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes. Apesar dessa preferência pela leitura, os objetivos dos PCN não excluem outras habilidades, tais como compreensão e produção oral e escrita. Os PCN afirmam que com o barateamento dos meios eletrônicos de comunicação as escolas passam a ter um maior acesso às novas tecnologias possibilitando assim o desenvolvimento de outras habilidades comunicativas.

O processo de aprendizagem é a construção de conhecimento do aluno, procedimento que demonstra o relacionamento do que o aluno quer aprender, somado aos conhecimentos que ele já possui. Uma espécie de aperfeiçoamento do conhecimento, um procedimento básico no qual se atribui conhecimentos novos àqueles que já foram adquiridos. A estratégia de correlacionar os conhecimentos novos da língua estrangeira com os conhecimentos que já possui da língua materna, torna-se uma parte importante do processo de ensinar e aprender língua estrangeira, no caso a Língua Inglesa.

Uma maneira de facilitar a aprendizagem e cooperar para a inclusão discursiva do aluno de novos conhecimentos é fazer com que o aluno se apoie em textos orais e escritos que proponham conhecimentos de mundo com o qual já esteja familiarizado. A organização dessa estratégia por parte do aluno, dos textos da Língua Inglesa, apoiando-se naqueles que ele já conhece de sua língua materna, poderá também colaborar para o seu envolvimento com o discurso no processo de aprender:

A consciência desses tipos de conhecimento pelo aluno é o que será chamado aqui de consciência linguística, que, além de ampliar o conhecimento que o aluno tem sobre o fenômeno linguístico, isto é, incluindo a percepção de sua língua materna, tem um alto valor na aprendizagem de Língua Estrangeira devido à sua natureza metacognitiva (BRASIL, 2008, p.33).

Os objetivos do ensino fundamental indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.7-8) são que os alunos sejam capazes de:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

- conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens (verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal) como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

É importante notar que os objetivos acima elencados serão buscados e desenvolvidos por todas as disciplinas do Ensino Fundamental.

Os objetivos dos PCN em Língua Estrangeira levam em conta os alunos, o sistema educacional e a função social que a Língua Inglesa exerce. Segundo ele, os objetivos consideram o desenvolvimento de capacidades, em função das necessidades sociais, intelectuais, profissionais, e interesses e desejos dos alunos. Para o ensino fundamental, os objetivos são resultados do papel formativo de Língua Estrangeira no currículo, de uma reflexão sobre a função social de Língua Estrangeira no país e sobre as limitações impostas pelas condições de aprendizagem. Como matéria curricular, o ensino de língua deve ser uma ótima experiência para o aluno, pois esse não deve considerar a falsa prerrogativa de que a Língua Inglesa não pode ser aprendida na escola. Por isso o sistema educacional deve pesquisar e encontrar maneiras de garantir uma aprendizagem a qual não desestimule o aluno.

Quanto à função social, apesar de o Brasil ser considerado um país multilíngue devido à diversidade de etnias presentes em sua construção, deve-se reconhecer que a maioria da população brasileira vive em locais monolíngues, exceto as regiões fronteiriças, comunidades multilíngues e áreas metropolitanas e

turísticas, onde há um grande número de estrangeiros. É por isso que os alunos contam muito pouco com o desenvolvimento da Língua Inglesa fora do ambiente escolar. Os PCN afirmam que possivelmente, a grande maioria da população não sente nenhuma necessidade ou desejo de se comunicar em língua estrangeira e a percepção de uma necessidade futura é por demais remota:

A Língua Inglesa vem servindo uma série de propósitos na comunicação internacional. [...] Segundo Samarin (in Conrad e Fishman, 1977:6), o inglês já possui muitos dos requisitos para ser uma verdadeira língua franca, pois já que é a língua da diplomacia, a língua predominante nas correspondências, a língua principal na avaliação e nas transmissões radiofônicas, além de ser a segunda língua de tantos ou mais falantes que os nativos. O status da Língua Inglesa pode ser comprovado pelo grande número de jornais que são publicados em Língua Inglesa de forma exclusiva ou bilíngue. Além das publicações onde a Língua Inglesa é oficial, podemos encontrar inúmeras outras em todos os continentes (CONRAD; FISHMAN, 1977, P.6 apud PAIVA, 1998. p. 13).

A crescente internacionalização dos mercados levou as nações a adotarem o Inglês como o idioma oficial do mundo dos negócios e considerando a importância econômica do Brasil como país em desenvolvimento, dominar o Inglês se tornou sinônimo de sobrevivência e integração global. O aprendizado do Inglês abre as portas para o desenvolvimento pessoal, profissional e cultural (ROCHA, 2001). É ela a língua utilizada para dar acesso à ciência, às tecnologias de ponta, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos. Isso pode ser provado aos alunos através de publicações comerciais, pôsteres, vitrines de lojas, em canções, no cinema, na internet, em jogos e em diversos lugares.

É necessário refletir sobre as condições encontradas em grande parte das escolas. São vários os fatores que influenciam na aprendizagem de uma língua principalmente a quantidade, intensidade e a continuidade de exposição a esta. São eles os responsáveis pelo nível de competência a ser desenvolvido e a rapidez com que as metas podem ser atingidas. Por outro lado a administração e a organização do ensino de Língua Estrangeira são inadequadas em relação àqueles aspectos. As horas de aula são reduzidas, geralmente de até 2 horas semanais. A escolha da disciplina muitas vezes está em horários menos privilegiados. Por isso, ao se estabelecer os objetivos, as limitações encontradas dentro das escolas não podem ser deixadas de lado, devem ser levadas em conta para que se encontrem condições mínimas de êxito resultando assim em um ensino-aprendizagem tangível

e útil para o aluno. Novas medidas precisam ser tomadas para acabar com essas limitações encontradas nas escolas públicas.

A aprendizagem de uma língua estrangeira não é apenas uma atividade intelectual. É preciso lembrar que ela é também uma atividade emocional. Por esse motivo, na formulação dos objetivos, além das capacidades cognitivas, éticas, estéticas, motoras e de inserção e atuação social devem também ser levadas em conta as afetivas. Os objetivos são orientados para a sensibilização do aluno em relação à Língua Estrangeira pelos seguintes focos: o mundo multilíngue e multicultural em que vive; a compreensão global (escrita e oral); o empenho na negociação do significado e não na correção.

4.1. COMPETÊNCIAS A SEREM FORMADAS NO ALUNO

Os PCN (1998, p. 66-67) esperam com o ensino de Língua Estrangeira ao longo de quatro anos do ensino fundamental, que o aluno seja capaz de:

- Identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico;
- Vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país e do mundo;
- Reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo;
- Construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna;
- Construir consciência linguística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo;

- Ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados;
- Utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.

5. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA SEGUNDO AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO DISTRITO FEDERAL

Assim como os PCN, as Orientações Curriculares da Educação Básica do Distrito Federal, criadas pela Secretaria de Educação, têm como objetivo nortear professores e escolas do DF para o ensino e aprendizagem. O ideal do projeto das Orientações é o trabalho compartilhado, a reflexão solidária e a aprendizagem em parceria, assim o corpo docente na prática do dia a dia pode se atualizar e aprimorar suas técnicas de modo democrático dentro da política de Gestão Compartilhada.

A escola tem a função de formar o aluno um cidadão, por meio da socialização no espaço escolar e de conhecimentos, competências, habilidades, valores e atitudes. Desta mesma maneira também irá desenvolver a Língua Estrangeira do aluno com o objetivo de consolidar suas práticas de uso. Para isso necessita-se organizar o currículo escolar, selecionar quais os conteúdos devem ser ensinados na escola. Essa seleção é feita pelas Orientações Curriculares.

As Orientações Curriculares do ensino fundamental para o ensino de Língua Inglesa são distribuídas em quatro tópicos: Oralidade e expressão, Leitura de textos, Conhecimentos linguísticos e Produção de textos. A partir do elenco de conteúdos propostos, foram indicadas as expectativas de aprendizagem para todos os anos e disciplinas do ensino fundamental. A seguir se encontram os conteúdos programáticos estabelecidos pelas Orientações Curriculares para o nono ano/ oitava série.

9º ANO / 8ª SÉRIE	
LETRAMENTO E DIVERSIDADE	
<p>Conteúdos</p> <p>1. Oralidade e expressão</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Modos de interação verbal: a fala e escuta de textos em sala de aula ■ Recursos paralinguísticos de sustentação da fala (gestos, tonalidade da voz, expressões faciais), de acordo com os objetivos do ato de interlocução. ■ Relato de experiências vividas ■ Debate espontâneo: escuta organizada e apresentação de argumentos: opinião e comentário ■ Gêneros do discurso oral: características da língua falada em determinadas situações; adequação planejada da fala (situações 	<p>Expectativas de aprendizagem</p> <p>1. Oralidade e expressão</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Formular perguntas e a elas responder, em sala de aula, considerando a situação pública de interlocução em jogo. ■ Opinar / comentar sobre temas / assuntos discutidos em classe; textos lidos pelo professor; revistas ou livros. ■ Produzir recados ou instruções para a classe com base em uma determinada proposta indicada pelo professor ou colegas. ■ Organizar roteiro para realizar uma entrevista (planejar a fala). ■ Representar, adequadamente, em situações simuladas, os papéis do

simuladas)	<p>entrevistador ou entrevistado (planejar a fala).</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Reconhecer e utilizar Wh- questions e Yes-no questions. ■ Usar 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural. ■ Usar formas do presente. ■ Pedir para repetir instrução/ enunciados de questões. ■ Pedir esclarecimento utilizando polidez. ■ Avaliar e responder instruções /enunciados de questões. ■ Respeitar a troca de turnos no diálogo. ■ Identificar diferenças culturais nas atitudes durante as conversas.
<p>2. Leitura de textos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Gêneros indicados para leitura, compreensão, análise e interpretação no ano: regras de jogos, manchetes, anúncios, reportagens, artigos de divulgação científica, verbetes de dicionário e enciclopédia, textos informativos, biografias, legendas de filmes, história em quadrinhos, contos, poemas, canções, textos não verbais, textos mistos (verbal e não verbal) ■ Finalidades e usos sociais de textos e seus portadores ■ Procedimentos de leitura: recuperação de informações, de sequências, de assuntos, de temas, de vocabulário estratégias de decifração, seleção, antecipação, inferência e verificação. ■ Processos de interpretação de textos: associação dos temas dos textos ao seu conhecimento prévio ou de mundo ■ Elementos constitutivos da organização interna dos gêneros indicados para o ano ■ Efeitos de sentido produzidos no texto pelo uso intencional de palavras, expressões, recursos gráfico-visuais, pontuação. ■ Atitudes de leitura 	<p>2. Leitura de textos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar a finalidade do texto, mobilizando conhecimentos prévios sobre formato do gênero, tema ou assunto principal. ■ Reconhecer os prováveis interlocutores de um texto. ■ Inferir o tema ou assunto principal de um texto. ■ Inferir o sentido denotado de palavras ou expressões a partir do contexto ou selecionar a acepção mais adequada em verbete de dicionário. ■ Localizar item de informação explícita, em um texto, considerando um único critério para recuperar a informação (que, quem, quando, onde, como, por que). ■ Localizar informação explícita no texto, com base em sua compreensão global. ■ Localizar item de informação explícita, com base em um dado elemento constitutivo da organização interna do gênero. ■ Organizar em sequência informações explícitas distribuídas ao longo do texto, considerando a ordem em que aparecem. ■ Inferir informações em textos. ■ Inferir o humor em um texto. ■ Associar os temas dos textos lidos ao seu conhecimento prévio ou de mundo. ■ Identificar os efeitos de sentido produzidos no texto pelo uso intencional de palavras, expressões, recursos gráfico-visuais, pontuação. ■ Selecionar título ou legenda apropriada para texto escrito, imagem, foto, figura, etc. <p>2. Leitura de textos</p> <p>Atitudes</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Demonstrar interesses pessoais em ler revistas, jornais, livros adequados para a sua faixa etária.

	<ul style="list-style-type: none"> ■ Realizar diferentes tipos de leitura com fluência e compreensão. ■ Adequar os procedimentos de leitura aos objetivos da própria leitura.
<p>3. Conhecimentos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Revisão do Presente Simples ■ Simple Past Tense verbos regulares e irregulares (todas as formas e respostas curtas) ■ Verbo modal: could ■ Futuro com going to ■ Futuro simples (em todas as formas e respostas curtas) ■ Grau dos adjetivos ■ Pronome oblíquo <p>Padrões da escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Ortografia das palavras ■ Usos da letra maiúscula ■ Pontuação: importância e uso contextual; pontuação do diálogo ■ Concordância nominal em situações contextuais (relações de gênero e número necessárias para o aperfeiçoamento do texto). ■ Concordância verbal em situações contextuais (utilização de sujeito e verbo visando ao aperfeiçoamento do texto) ■ Processos de formação de palavras: sufixação, siglas e abreviaturas 	<p>3. Conhecimentos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Refletir sobre a função das palavras em geral (para que servem, quais papéis exercem, como ocorrem suas variações semânticas, que agrupamentos podem constituir quando se leva em conta alguma semelhança). ■ Desenvolver a habilidade oral e escrita, utilizando o futuro simples de maneira a propiciar a comunicação correta em situações contextualizadas. ■ Ser capaz de expressar suas opiniões empregando adequadamente o grau dos adjetivos em situações contextualizadas. ■ Reconhecer diferenças entre a língua que se fala e a língua que se escreve. ■ Formular hipóteses sobre regras de uso da língua escrita, a partir da análise de regularidades e aplicá-las em produções escritas, revisões e leituras. <p>Padrões da escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar padrões ortográficos na escrita de palavras. ■ Utilizar a letra maiúscula. <p>Usos e funções</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar o sentido de uso dos sinais de pontuação. ■ Pontuar corretamente o discurso direto. ■ Identificar o sentido de uma palavra, consultando o dicionário. ■ Aplicar a regra geral de concordância nominal e verbal <p>Usos e funções</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Utilizar os conhecimentos sobre o processo de formação de palavras para resolver problemas de ortografia.

<p>4. Produção de textos escritos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Reprodução de narrativas ■ Produção de resumos, roteiros e sinopses ■ Produção de entrevistas. ■ Produção de narrativas com autoria <p>Padrões da escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Segmentação de palavras ■ Ortografia ■ Usos da letra maiúscula ■ Concordância verbal e nominal ■ Pontuação ■ Segmentação do texto ■ Diagramação do texto <p>Padrões de textualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Coerência e coesão (retomadas) 	<p>4. Produção de textos escritos</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Escrever ou reescrever um texto, a partir da leitura de um texto estímulo, fazendo referência à ideia principal do texto lido, organizando o texto de acordo com o gênero solicitado e utilizando os recursos da escrita. ■ Produzir uma narrativa com autoria. ■ Produzir roteiros, resumos e sinopses. <p>Padrões da escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Pontuar corretamente final de frases, usando inicial maiúscula. ■ Empregar letra maiúscula em nomes próprios. ■ Segmentar o texto em palavras. ■ Escrever corretamente as palavras. ■ Utilizar o ponto final para terminar uma frase e outras marcas de pontuação. ■ Pontuar corretamente passagens do texto em discurso direto. ■ Segmentar o texto em parágrafos, períodos e orações em razão das restrições impostas pelos gêneros. ■ Formatar graficamente o texto. ■ Retomar o texto produzido, lendo o que está escrito e o que deveria ser escrito em casos de situações de produção de textos via memória. ■ Reescrever o próprio texto com o auxílio do professor.
---	--

6. PESQUISA ETNOGRÁFICA

6.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS

6.1.1. Os informantes

A pesquisa se desenvolve por meio de um questionário entregue a alunos e outro a um professor(a) de uma escola pública do DF. O mesmo foi aplicado em uma turma de 8ª série/ 9º ano, situada em uma escola pública do Guará. Foram 28 alunos entrevistados (15 meninos e 13 meninas) com idades entre 14 e 17 anos. O questionário foi aplicado à turma dia 20/05/2011 às 15 horas. O tempo utilizado para responderem o questionário foi de 15 a 20 minutos.

6.1.2. Metodologia

A pesquisa empírica desenvolve-se por meio de 2 (dois) questionários (anexos A e B): O primeiro questionário continha 6 (seis) questões para a professora de língua inglesa do ensino fundamental responder e o segundo questionário continha 10 (dez) questões e foi aplicado aos alunos do 9º ano para que pudessem avaliar o ensino de língua inglesa em sua escola.

No dia da aplicação do questionário, o diretor me apresentou à professora e explicou por qual motivo eu estava na escola. Após conhecer a professora, entrei com ela em sala de aula. A mesma me apresentou para a turma como estagiária e explicou que iria aplicar um questionário para eles (alunos) responderem. Antes de distribuir os questionários conversei com os alunos, apresentei-me, expliquei que era aluna do uniCEUB, esclareci o que estou pesquisando e que precisava da ajuda deles para terminar minha monografia. No mesmo momento em que entreguei o questionário para os alunos entreguei ao professor seu questionário.

Vou desenvolver a seguir, a apresentação e a análise dos dados, apresentando os gráficos relacionados às questões aplicadas.

6.2. DESCRIÇÃO, ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM O PROFESSOR

O questionário (Anexo A) foi aplicado a uma professora de 48 anos do 8ª série/ 9º ano de uma escola pública. Quando recebeu o questionário, a professora demorou algum tempo para responder a primeira questão, até o momento em que a mesma perguntou o significado da sigla PCN. Ciente da dúvida da professora, explico que PCN são Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos pelo governo que tem como objetivo direcionar as atividades do sistema de educação brasileiro. A professora, além de desconhecer o significado da sigla, também não sabia o que eram os Parâmetros Curriculares, e nem a função que eles exercem no âmbito escolar.

Este questionário localizado logo abaixo reproduz as perguntas entregues à professora e em vermelho encontram-se as suas respostas.

1- Para você os PCN são: <i>Um recurso interessante para suas aulas</i>
2- A escola cobra a utilização dos PCN no seu plano de aula? <i>Sim</i>
3- Em sua opinião, as orientações curriculares do Distrito Federal para o ensino de língua inglesa constituem-se documentos: <i>Úteis para o planejamento das aulas.</i>
4- Quais recursos você utiliza no ensino de língua inglesa? <i>Aparelhos audiovisuais, figuras (Flashcards), cartazes e quadro branco.</i>
5- As aulas seriam mais eficientes se fossem ministradas da seguinte maneira: <i>Se o professor falasse mais em inglês em sala de aula e se os alunos falassem mais em inglês em sala de aula.</i>
6- Quais habilidades comunicativas você trabalha em sala de aula com os alunos: <i>Fala, escrita, leitura e audição.</i>

6.2.1. Análise das respostas do professor sobre a avaliação em Língua Inglesa

Apesar de nunca ter lido os PCN, a professora respondeu as perguntas do questionário tendo como base somente o que eu havia falado. Na primeira questão, “o que acha que são os PCN?” ela responde que considera um recurso interessante para as suas aulas. Essa resposta não é totalmente confiável, pois a professora demonstrou contradição visto que nunca havia lido os PCN.

O mesmo caso se repete na segunda questão a qual pergunta se há cobranças da escola na utilização dos PCN. Como é que a escola cobra algo da professora, no caso os PCN, se a profissional não sabia da existência dessa última? Tendo como referência essa professora, supõe-se que, além dela, haja muitos outros professores, sejam eles da Secretaria da Educação ou não, que não saibam da existência e/ou nunca tenham lido os PCN.

A terceira questão pergunta a opinião da professora sobre as Orientações curriculares do DF no ensino de Língua Inglesa. A mesma assinala a opção que diz serem úteis para o planejamento das aulas. Porém permanece a dúvida: Será que ela realmente sabia o que eram essas Orientações?

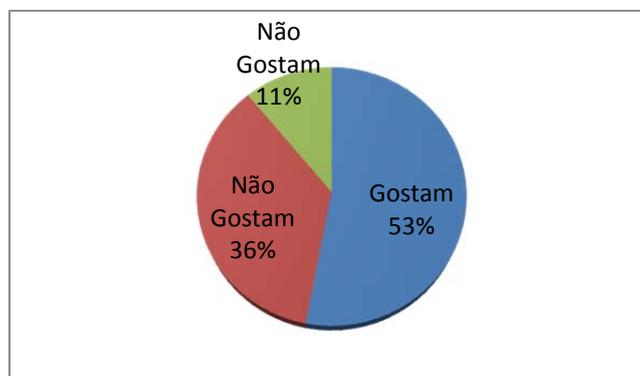
O quarto item se refere a que tipos de recursos a professora costuma usar em suas aulas. Ela responde utilizar aparelhos audiovisuais, figuras (Flashcards), cartazes e quadro branco. Verifica-se que alguns desses recursos são mais utilizados que outros. Sabe-se que o quadro branco ou negro, é o mais usado no processo de ensino.

Na questão cinco a professora afirma que as aulas seriam mais eficientes se tanto os alunos quanto os professores utilizassem com frequência a língua estrangeira em sala de aula. Desta forma praticariam a pronúncia da língua.

A última questão está relacionada às habilidades que a professora costuma trabalhar em sala de aula. Segundo ela, todas as habilidades são trabalhadas com os alunos. É praticamente impossível separar totalmente uma habilidade de outra e o risco em não ter um conhecimento abrangente sobre a língua pode levar os alunos a situações no mínimo embaraçosas. Assim, é importante estudar e destacar cada ponto para que haja equilíbrio no aprendizado de uma segunda língua.

6.3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM OS ALUNOS

Questão 1: Você gosta de estudar a língua inglesa? (Anexo B)



Da totalidade de 28 alunos, 15 (53%) responderam *gostar* de estudar inglês seja por gostarem de aprender coisas novas, por ser “legal”, como alguns disseram, para aprimorar seus conhecimentos, por ser importante para seu futuro, para saberem lidar com situações nas quais precisem compreender algumas coisas em inglês. Dez alunos (36%) responderam que às vezes gostam de estudar inglês, a maioria por achar muito difícil ou por ter alguma dificuldade. Somente três alunos (11%) afirmaram *não gostar* de estudar inglês por não conseguirem compreender muito bem a matéria e achá-la bastante difícil.

Questão 2: Estudar a língua inglesa é importante para: Viajar; Conseguir um bom emprego; Ser mais respeitado pelas pessoas; Conhecer língua e cultura diferentes

Neste item os alunos poderiam marcar quantos itens eles achassem necessário. Os itens mais marcados foram o que diz que o inglês é importante para: *conseguir um bom emprego* e como afirma um dos alunos: “para ganhar mais dinheiro”; *conhecer língua e cultura diferente; Viajar*. O menos marcado foi: *ser mais respeitado pelas pessoas*. Os alunos estão cientes da importância que o inglês possui no atual mundo da globalização o qual vivemos. Como afirma Rocha (2002), o aprendizado dessa língua estrangeira abre as portas para todo e qualquer tipo de desenvolvimento, seja ele pessoal, profissional ou cultural. O inglês é o idioma utilizado para dar acesso à ciência, às tecnologias de ponta, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos. Isso pode ser provado aos

alunos através de publicações comerciais, pôsteres, vitrines de lojas, em canções, no cinema, na internet, em jogos e em diversos lugares, coisas que eles estão acostumados a ver no seu dia a dia.

Questão 3: Que importância para sua vida você atribui ao ensino de língua inglesa do 6º ao 9º ano?



Nove alunos (32%), afirmaram que o ensino de inglês é *muito importante* nas séries de 6º ao 9º ano. Um aluno coloca que quem fala mais de um idioma consegue empregos melhores e outro acha importante para a comunicação com estrangeiros. Quatorze alunos (50%) afirmaram que o ensino de língua inglesa é *importante* e os 5 (18%) alunos restantes assinalaram que o ensino de inglês é *mais ou menos importante*. Um dos alunos afirma que ela é mais ou menos importante por não usá-la em tudo o que faz e outro diz que pelo fato de não usar a língua no seu dia a dia. De acordo com o que os PCN abordam, a aprendizagem de uma Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Ela deve capacitar o aluno a se incluir e incluir outros através da comunicação, tornando-os capazes de interagirem socialmente.

Questão 4: Marque um X nos recursos que seu professor de inglês usa em sala de aula.

Nessa questão os alunos poderiam marcar quantos itens achassem necessários. De acordo com a marcação dos alunos, verifica-se o uso frequente do quadro branco na aprendizagem dos alunos. Como segunda opção os alunos marcaram com certa frequência a utilização de *figuras, desenhos e cartazes* pela professora. Somente um dos alunos marcou a primeira opção que fala da utilização de *aparelhos audiovisuais*. Nas escolas o recurso mais utilizado pelos professores é

o bom e velho quadro. Esses materiais didáticos pedagógicos (figuras, aparelhos audiovisuais, cartazes etc.) são muito importantes no aprendizado da língua, porém há profissionais que apesar de terem acesso a todos esses recursos, não os utilizam ou por falta de interesse ou por serem insuficientes para a quantidade de professores existente na escola.

Questão 5: Em relação ao seu aprendizado de língua inglesa você sente:



Apenas um aluno (3%) afirma ter *muita dificuldade* na aprendizagem de língua inglesa. Vinte e quatro alunos (87%) assinalaram ter *alguma dificuldade* na aprendizagem da língua inglesa e somente 3 alunos (10%) afirmaram *não ter dificuldade na aprendizagem de língua inglesa*. Apesar de muitos estudantes gostarem da língua inglesa, a grande maioria diz apresentar dificuldade na aprendizagem da mesma. Acredito que essa dificuldade é decorrente de diversos fatores, como as poucas horas dedicadas ao ensino e estudo da matéria e a metodologia utilizada pelo professor não ser eficaz para muitos alunos, pois esta pode ser do tipo mecânica e repetitiva, utilizada por muitos professores para a explicação das matérias.

Sentir alguma dificuldade é algo normal, assim como na aprendizagem de inglês isso acontece com outras matérias também. Porém deve-se achar maneiras de contornar essa dificuldade, através de reforços escolares, estudos fora da sala de aula, em bibliotecas, por exemplo, pesquisas em livros diferentes, internet, etc.

Questão 6: Marque 2 itens que mais lhe causem dificuldade ao aprender inglês.

Nessa questão obtive 50 respostas no universo dos 28 alunos. Das assinaladas, o item onde os alunos apontam mais dificuldade foi o da *escrita*, com 36% de incidência. A dificuldade de compreensão de *textos de áudio* é assinalada em 24% das respostas. Com 20% das escolhas ficou a dificuldade referente à *fala* e 20% também a questão da *gramática*.

Como afirmam os PCN, a aprendizagem da língua inglesa deve capacitar o aluno a se incluir no discurso da língua e incluir outros fazendo assim com que interajam socialmente, ou seja, consigam estabelecer uma comunicação. Para que isso aconteça devem ser trabalhadas as habilidades da escrita, da fala, da leitura e da audição.

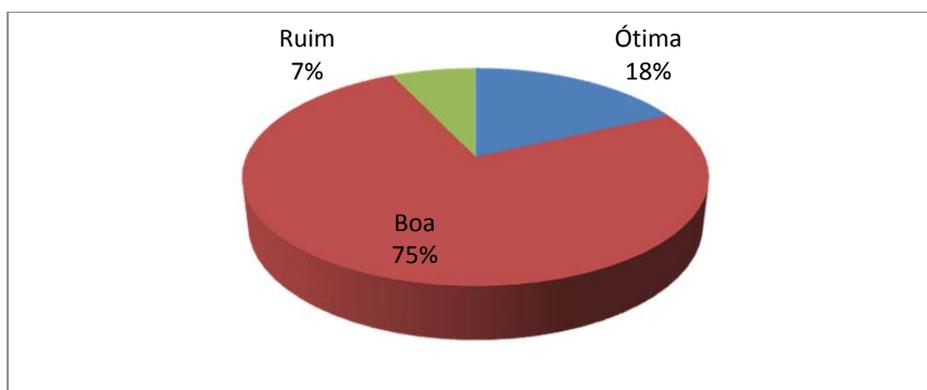
A escrita é uma habilidade importante no meio de interação para o ser humano. Aprender a escrever seja em Língua Portuguesa ou Língua Inglesa abre um novo leque de oportunidades tanto em âmbito nacional quanto internacional. Porém, nessa pesquisa, observa-se que a maior parte dos alunos sente dificuldade na escrita da Língua Estrangeira. Apesar de a abordagem gramatical ser a mais trabalhada em sala, de acordo com o questionário aplicado, a professora busca, por outros meios, trabalhar as habilidades dos alunos. Os meios utilizados para a transferência da informação e o método do professor é algo que conta na aprendizagem do aluno.

Se nas aulas o conteúdo só diz respeito à gramática da língua, estas passam a ser maçantes e cansativas para os aprendizes. A utilização de textos no ambiente escolar é fundamental para o desenvolvimento da capacidade intelectual do aluno. Outra habilidade importante que deve ser incentivada em sala de aula é a fala, visto que é uma forma de interação social e expressão de sentimento e pensamentos. Para o desenvolvimento da habilidade auditiva, o aluno deve ser exposto a diferentes sotaques, pois em uma situação cotidiana ele poderá deparar-se com diferentes culturas.

O uso de recursos variados como: filmes com áudio e legenda em inglês (trabalhando a audição e a leitura), revistas, textos, livros, dicionários, vídeos, músicas, atividades on-line, jogos, entre outros, auxiliam o professor a ensinar e

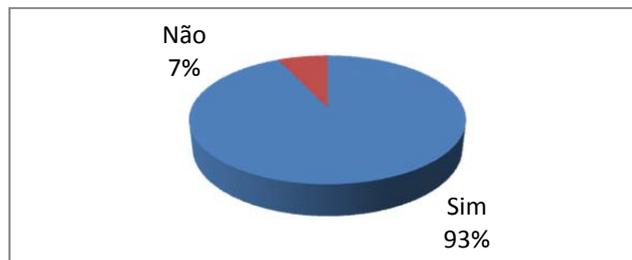
exercitar as habilidades dos alunos. Infelizmente as escolas públicas não oferecem recursos suficientes e o tempo de aula não é o ideal para que o professor possa desenvolver todas essas habilidades.

Questão 7: Como você avalia o seu professor de língua inglesa?



Cinco alunos (18%) afirmam ter uma *ótima* professora; 21 (75%) afirmam ter uma *boa* professora, pelo fato de ter facilidade para explicar e conseguir transferir seu conhecimento para eles. Segundo os alunos, a professora possui bastante conhecimento sobre a língua; Apenas 2 alunos (7%) afirmam ter uma professora *ruim*, justificando que ela não explica direito.

É possível encontrar profissionais que não tiveram sucesso em sua carreira e assim passaram a ministrar as aulas sem motivação, ou seja, dar aulas passa a ser apenas uma forma de garantir um salário. Apesar de existirem esses perfis de professores, a professora entrevistada parece ser uma profissional qualificada na área de língua inglesa e capaz de adequar (em parte) suas aulas de acordo com as necessidades, características dos alunos e o ambiente escolar de ensino. Mesmo sem ter, possivelmente, conhecimento sobre o que os PCN propõem, a professora é considerada uma boa profissional. Ela utiliza, mesmo sem saber, algumas das orientações de ensino propostas pelos PCN.

Questão 8: O seu professor se mostra preocupado com o seu aprendizado?

Vinte e seis alunos (93%) concordam que a professora *se mostra preocupada* com o aprendizado, pois a mesma tira dúvidas e se preocupa em ver se os alunos realizaram as atividades. É importante que o professor se mostre interessado pelo aprendizado dos seus alunos, pois isso funciona como incentivo em continuar buscando conhecimento em áreas desconhecidas. Apenas 2 alunas (7%) afirmaram que a professora *não se mostra preocupada* com seus aprendizados e não comentaram o por quê.

Questão 9: Se um dia precisasse usar a língua inglesa na prática, conseguiria?

Quatorze alunos (50%) afirmam que *não conseguiriam utilizar a língua inglesa* na prática. Um aluno coloca que conseguirá utilizá-la só futuramente e outros afirmam não entenderem e sentirem dificuldades na língua.

Quatorze alunos (50%) afirmam *conseguir utilizar a língua* na prática. Um aluno afirma que só saberia utilizar somente “o básico, mas só o básico mesmo” da língua inglesa.

Acredito que os alunos utilizariam apenas o básico da língua inglesa. Perguntar ou dizer o nome, a idade, as cores, o local onde mora, entre outros, são exemplos disso. A fluência na língua surge com o tempo, a qualidade e com a dedicação aos estudos tanto por parte do educador quanto do educando.

Questão 10: As aulas seriam mais eficientes se fossem ministradas da seguinte maneira:



Dois alunos (7%) afirmam que as aulas seriam mais eficientes se o *professor falasse mais inglês em sala de aula*; 13 (46%) marcaram que as aulas seriam mais eficientes se o *professor utilizasse mais recursos audiovisuais*; outros 13 (46%) marcaram a opção na qual *os alunos é quem deveriam falar mais inglês em sala de aula*. Assim como na resposta dada pela professora, os alunos também concordam que tanto eles quanto os professores devem utilizar mais a língua Inglesa durante as aulas e assim praticar a fluência e pronúncia da língua.

6.4. RESULTADOS

A escola onde foi aplicado o questionário é uma pequena amostra do ensino de Língua Inglesa no DF e nela pude perceber algumas mudanças no ensino assim como uma melhoria na qualidade de ensino, visto que ela escola possuía recursos para o professor utilizar em suas aulas.

Um fator considerável, de acordo com as respostas da professora ao questionário, é a preocupação que a mesma diz ter em relação com a aprendizagem dos seus alunos e com a qualidade de suas aulas. Ela parece buscar aulas mais interativas fazendo o uso de figuras, de cartazes, de recursos audiovisuais, do uso da fala da Língua Inglesa em sala, de livros, etc.

Os alunos de Língua Inglesa mostraram-se cientes da importância que o aprendizado dessa língua exerce em suas vidas. Sabem que ela se tornou uma necessidade básica e profissionalizante, não importando a área em que desejam atuar no mercado de trabalho e que o domínio dela significa crescer e desenvolver-se nesse novo século tecnológico.

Através dos dados coletados na pesquisa, verifica-se que os alunos, apesar de suas dificuldades na língua estrangeira, ainda demonstram interesse na aprendizagem da mesma. A falta do contato diário com a Língua Inglesa é o fator que mais colabora com as dificuldades apresentadas, pois não são todos que conseguem ter acesso a dicionários, livros estrangeiros, páginas estrangeiras da internet, seriados, traduções de músicas, etc. Quando esses alunos podem ter acesso à língua, falta-lhes, na maioria das vezes, incentivo para que busquem conhecimento através de outros mecanismos de aprendizagem. Espera-se que no nono ano os alunos desenvolvam ou demonstrem atendimento às expectativas de aprendizagem, apresentadas pelas Orientações Curriculares, que são expectativas finais para o aluno do ensino fundamental.

Os PCN e as Orientações curriculares foram criados para tentar acabar com as carências encontradas no ensino de escolas públicas, concretizar as expectativas de aprendizagem tornando o aluno um cidadão, ou seja, tornar o ensino cada vez mais eficiente e de melhor qualidade para todos aqueles que pertencem ao sistema de educação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do histórico da língua inglesa até os dias atuais, pode se dizer que esta é uma língua de extrema importância visto que é a língua utilizada mundialmente para os negócios políticos, econômicos, etc. Diante desse crescimento da língua, estudiosos criaram diferentes metodologias que buscavam a eficácia no ensino-aprendizagem da língua.

No Brasil, a tentativa de tornar o sistema de ensino nas escolas em algo organizado e produtivo surge através dos PCN. Esses são norteadores do sistema de ensino escolar, servem de apoio às discussões, às práticas pedagógicas, ao planejamento de aulas, à seleção de materiais didáticos, de recursos tecnológicos e esperam contribuir para a formação e atualização do professor (BRASIL, 1998). Além dos PCN, para o Distrito Federal também existem as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental. Esse último é um direcionador mais específico para o ensino de língua inglesa no DF. Nele determinam-se os conteúdos relacionados a cada série escolar distribuídas em quatro tópicos e as expectativas de aprendizagem que o professor espera de seus alunos.

Costuma-se ouvir que no Brasil a qualidade do ensino nas escolas públicas é muito ruim. O governo trata com descaso a situação escolar encontrada na grande maioria das escolas públicas, como condições do ambiente de estudo, aulas repetitivas e tradicionalistas, ausência de prática das quatro habilidades e de estímulos (tanto para professores quanto alunos), escassez de material e de recursos de ensino, carência de professores qualificados, etc. Tratando-se do ensino de Língua Inglesa, assim como outras matérias curriculares do ensino fundamental, não é valorizado no ensino público.

Através dos dados coletados na pesquisa, realizada em uma turma de 9º ano/8ª série, verificou-se que os alunos sabem a importância do aprendizado da Língua Inglesa. Apesar de o questionário ter mostrado a utilização de diferentes recursos para o ensino na escola (a preocupação da professora para com o aprendizado de seus alunos, o interesse do educando em aprender e etc.), os questionários não continham informações suficientes para saber se os alunos estão realmente aprendendo a Língua Inglesa e qual é a qualidade do ensino que eles recebem. Seria então o caso de se iniciar uma nova pesquisa, algo que pudesse

aprofundar na temática da qualidade do ensino de Língua Inglesa no ensino fundamental das escolas públicas do DF.

Diante desses dados pode-se perceber que o ensino de Língua Inglesa acontece com algum êxito, porém ainda existem muitos quesitos a serem revistos e reformulados. Para que isso ocorra, o ensino de Língua Inglesa necessita de fato de sofrer uma intervenção maior, através de uma frequente supervisão realizada por um coordenador ou por um agente público da Secretaria de Educação. Os professores também deveriam ser estimulados a fazer cursos de reciclagem onde seriam atualizados e apresentados às novas ideias incrementando assim o ensino em suas classes. Todo o sistema educacional deve fazer com que as orientações dadas pelas cartilhas (PCN e Orientações Curriculares) sejam seguidas no ensino escolar público, tornando-o assim cada vez mais eficiente e de maior qualidade para aqueles que fazem parte do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no Curso de Administração**: guia completo de conteúdo e forma. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ABRAHÃO, M.H.V. (Org.). **Prática de ensino de línguas estrangeiras: experiências e reflexões**. Campinas: Pontes, 2004.
- BELONSI, L.M.D. **Relações entre o tipo psicológico e a aprendizagem de uma língua estrangeira**. São Carlos, SP, 2009. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2385> . Acesso em: 30 mar. 2011
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 4 abr. 2011
- BRASIL. Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal. Orientações Curriculares: **Ensino Fundamental: série e anos finais**. Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC/SEF, 2008. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/sites/400/402/00002729.pdf> Acesso em: 4 abr. 2011
- CESTARO, Selma Alas Martins. **O ensino de língua estrangeira: História e Metodologia**. Publicado em: 1999. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma> >. Acesso em: 23 mar. 2011
- KRASHEN, Stephen D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Prentice-Hall International, 1988.
- KANEOYA, Marta L. Cabrera Kfour. **Métodos e abordagens de ensino de línguas e suas implicações na atividade docente**. Revista UNORP, v1(1):53-65, dezembro 2002. Acesso em: 3 abr. 2011
- LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. apud BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p.211-236.
- NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa- características, usos e possibilidades**. Disponível em: < <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 21 mai. 2011. São Paulo 1996.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- PAULA, Virinia Mora. **O Ensino Criativo da Gramática**. Dissertação de Mestrado em Ensino do Inglês. Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas. Publicado em: 21 fev. 2008. <<http://www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/mestrado-em->

ensino-do-ingles/trabalhos-de-projecto-viva-voce-examinations/varinia-mora-paula-2.pdf.>Acesso em: 03 abr.2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Yves (org.); RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do Inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 135-159

ROCHA, Eliomar. **Língua Inglesa: Origem E formação**. Publicada em 7/05/2007 Disponível em: <<http://www.webartigos.com>>Acesso em: 4 abr. 2011.

ROCHA, Denise Farias. **Importância do Inglês no Mundo**. 2011. Disponível em: <<http://www2.ucg.br/flash/artigos/AlmportanciaIngles.htm>> Acessado em: 20 abr. 2011.

SAVIANI, G. *História das Ideias Pedagógicas*. São Paulo: Editora /Ática,1996.

SCHÜTZ, Ricardo. **História da Língua Inglesa**. EnglishMade in Brazil. <<http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>>. Publicado em: 28 mar. 2008. Acesso em: 23 mai.2011.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. **Caminhos e Colheita, ensino e pesquisa na área de Inglês no Brasil**. Brasília: Editora UNB, 2003.

VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf> Acesso em: 24 mar. 2011.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades IISSN--1678—3182 Volume VII Número XXVI Jul- Set 2008. UNIGRANRIO/ UFF.

YOKOTA, Rosa. **Aquisição/ aprendizagem de línguas estrangeiras- aspectos teóricos**. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira et al. Ensino aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática. Ed. Clara Luz, SP, 2005.

ANEXO A**Questionário do professor**

Este questionário constitui-se uma pesquisa sobre o Ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas do DF e fará parte de um trabalho para conclusão do curso intitulado *Ensino de língua Inglesa como disciplina curricular no Ensino Fundamental em escolas públicas do Distrito Federal*. Gostaria de ter sua opinião sobre algumas questões referentes a sua experiência relacionada ao tema. Não há necessidade de identificação: apenas do seu perfil (idade, gênero, série) e as respostas dadas.

Agradeço sua participação.

Ana Beatriz Caddah de Oliveira

1) Perfil do entrevistado:

Idade _____

Sexo: () M F ()

1. Para você os PCN são:

- () Uma posição governamental
- () Um recurso interessante para suas aulas
- () um modelo utópico do ensino de línguas

2. A escola cobra a utilização dos PCN no seu plano de aula?]

- () Sim

() Não

3. Em sua opinião, as orientações curriculares do Distrito Federal para o ensino de língua inglesa constituem-se documentos:

() desconhecidos

() Muito pouco utilizados

() Úteis para o planejamento das aulas

() Inúteis para a realidade das salas de aulas

4. Quais recursos você utiliza no ensino de língua inglesa?

() Aparelhos audiovisuais

() Figuras (Flashcards)

() Cartazes

() Retro projetor

() Quadro Negro

() Outros: _____

5. As aulas seriam mais eficientes se fossem ministradas da seguinte maneira:

() Se o professor falasse mais em inglês em sala de aula

() Se o professor utilizasse mais recursos audiovisuais

() Se os alunos falassem mais em inglês em sala de aula

() Outros:

6. Quais habilidades comunicativas você trabalha em sala de aula com os alunos:

() Fala

() Escrita

() Leitura

() Audição

ANEXOS

ANEXO B

Questionário do aluno

Este questionário constitui-se uma pesquisa sobre o Ensino de Língua Inglesa nas escolas públicas do DF e fará parte de um trabalho para conclusão do curso intitulado *Ensino de língua Inglesa como disciplina curricular no Ensino Fundamental em escolas públicas do Distrito Federal*. Gostaria de ter sua opinião sobre algumas questões referentes a sua experiência relacionada ao tema. Não há necessidade de identificação: apenas do seu perfil (idade, gênero, série) e as respostas dadas.

Agradeço sua participação.

Ana Beatriz Caddah de Oliveira

1) Perfil do entrevistado:

Idade _____

Sexo () M F ()

Série: _____

1- Você gosta de estudar a língua inglesa?

() Sim

() Não

() às vezes

Por quê? _____

2- Estudar a língua inglesa é importante para:

- () viajar
- () conseguir bom emprego
- () ser mais respeitado pelas pessoas
- () conhecer língua e cultura diferentes

Outros: _____

3- Que importância para sua vida você atribui ao ensino de língua inglesa do 6º ao 9º ano?

- () Muito importante
- () Importante
- () Mais ou menos importante
- () pouco importante
- () Não importante

Comente: _____
_____.

4- Marque um X nos recursos que seu professor de inglês usa em sala de aula.

- () Aparelhos audiovisuais (retroprojeter, computador e data show, aparelho de som, tv, vídeo etc)
- () figuras, desenhos
- () cartazes
- () Quadro Negro
- () Outros: _____

5- Em relação ao seu aprendizado de língua inglesa você sente:

- () Muita dificuldade
- () Alguma dificuldade

() Nenhuma dificuldade

Comente: _____

6- Marque 2 itens que mais lhe causem dificuldade ao aprender inglês.

() Fala

() Escrita

() Gramática

() Compreender textos de áudio

() Outros:

7- Como você avalia o seu professor de língua inglesa?

() Muito bom

() Bom

() Ruim

Comente: _____

8- O seu professor se mostra preocupado com o seu aprendizado?

() Sim

() Não

Comente: _____

9- Se um dia precisasse usar a língua inglesa na prática, conseguiria?

() Sim

() Não

Comente: _____

_____.

10-As aulas seriam mais eficientes se fossem ministradas da seguinte maneira:

- () Se o professor falasse mais em inglês em sala de aula
- () Se o professor utilizasse mais recursos audiovisuais
- () Se os alunos falassem mais em inglês em sala de aula.